

As feministas de um país oficialmente sem feminismo

Há mais de três décadas um grupo de mulheres fundou um movimento feminista, o Movimento de Libertação das Mulheres. Uma associação inorgânica, que chocou o conservadorismo português com o pioneirismo das suas propostas, mas teve uma enorme capacidade de influência, ao ponto conseguir fazer valer a ideia da igualdade entre mulheres e homens na Constituição. *Por São José Almeida*

“O Movimento de Libertação das Mulheres (MLM) foi o único movimento assumidamente feminista”, em Portugal, afirma Maria Teresa Horta, uma das suas fundadoras e uma das homenageadas hoje à noite no jantar que se realiza no restaurante do antigo Mercado da Ribeira, em Lisboa, organizado pela União de Mulheres Alternativa e Resposta (UMAR), para homenagear as feministas portuguesas dos anos 70 e 80 do século XX. Um movimento que quase não é lembrado – em obediência ao quadro mental da ideia feita de que em Portugal não houve, nem há feminismo, mas que teve um imenso impacto político pela sua acção e pelas causas que defendeu de forma pioneira em Portugal, como a despenalização do aborto, os direitos laborais das mulheres, o combate à violência doméstica.

Considerando que ainda hoje em Portugal uma mulher afirmar-se feminista é de uma “grande dificuldade” – “a ideia de que a feminista é alguém que se pode insultar e tratar abaixo de cão é actual, está aí, existe hoje” –, Maria Teresa Horta não deixa de salientar, em conversa com o PÚBLICO, que entre o que são as ideias feitas e aquilo que de facto se passou na história portuguesa do século XX, nomeadamente no pós-25 de Abril, ao nível da influência das feministas, associadas no MLM primeiro e depois noutros grupos, foi determinante para o quadro legal de reconhecimento do papel e dos direitos das mulheres.

Igual opinião tem Maria Isabel Barreno, outra fundadora do MLM – apontada mesmo como o cérebro e a figura determinante para a sua criação –, que será homenageada esta noite. “O MLM teve impacto no facto de, na Constituição, terem aparecido consagrados os direitos das mulheres, bem como na revisão da Concordata. As feministas americanas lutavam por coisas que nós tivemos na Constituição e que elas não, pelo menos no papel”, afirma Maria Isabel Barreno ao PÚBLICO, salientando, porém, que em relação à revisão da Concordata, embora Salgado Zenha, então ministro da Justiça, que liderou as negociações com o Vaticano, tenha ouvido sempre o MLM sobre o assunto, a consagração do divórcio se deveu ao facto de ser uma exigência social da classe média: “Havia muitas separações de pessoas da classe média, com dramas de filhos de outras uniões e com a consequente confusão legal de filhos de mães incógnita, havia um grande mal-estar social.”

Sublinha Maria Isabel Barreno, muitas das causas foram levantadas pelo MLM e foi do MLM que saíram muitas outras organizações de mulheres

mais ou menos assumidamente feministas. “É curioso que ainda hoje a imagem que passa do MLM é que éramos um grupo de tontinhas, assim como as mulheres feministas do princípio do século XX são vistas como histéricas malucas

quando são fundamentais”, sublinha a autora de *A Morte da Mãe*, acrescentando: “Acusavam o MLM de ser um movimento burguês, era uma crítica idiota, porque todos os movimentos modernos de luta política começam na burguesia.”

E conclui: “Hoje, as causas do MLM são consideradas normais e respeitáveis e defendidas por todas as organizações políticas, mas as mulheres que o fizeram, nos mitos do imaginário das pessoas, são sempre algo que não aceitam.”

Maria Isabel Barreno não deixa de apontar o dedo à comunicação social portuguesa e à sua responsabilidade na imagem que há ainda hoje sobre o que é o feminismo: “A má imagem do feminismo foi muito construída pela imprensa, há mulheres que têm medo de se dizerem feministas porque temem a marginalização”, afirma a escritora, para salientar, de seguida, o facto de em Portugal as pessoas tomarem posição condenando o que não conhecem: “Outra questão é o facto de que sobre feminismo muita gente fala e pouca gente sabe o que é. Como é coisas de mulheres é tratado com discriminação. Não é visto como algo que tem que ser conhecido. Dizem-se coisas tontas. É como a questão do marxismo. Há que ler os textos feministas e sobre o feminismo e não falarmos no domínio da ‘achologia’.” Em Portugal as pessoas não estudam, não lêem, não se informam, mas dão opiniões com base no ‘eu acho que...’”

Sobre o feminismo hoje e a situação da mulher, Maria Isabel Barreno sublinha que muito do que era necessário legislar já foi, resta o aborto. “O que falta mudar é o mais complicado, que é o que há a fazer enquanto luta colectiva. Só quando a

discriminação é uma opressão gritante se pode intervir, como por exemplo a exploração laboral. Já o problema das tarefas domésticas e da dupla jornada de trabalho é uma questão de mentalidade e é objectivamente difícil mudar hábitos antigos, os jovens são educados dentro de uma divisão de tarefas e, depois, é óbvio que é melhor a pessoa chegar a casa e ficar de papo para o ar a ir fazer o jantar. Por outro lado, há a mentalidade social de que a mulher é mãe e as mulheres não discutem isso, as mulheres apenas discutem e querem mudar horários, ou seja, à partida aceitam que têm uma sobrecarga, nem sequer discutem este princípio. Um homem que pede uma licença de maternidade não é bem visto, são séculos de determinados costumes. Historicamente, a mulher sempre trabalhou e sempre acumulou tarefas. A tradição é isso”, salienta. ■

“Sobre feminismo muita gente fala e pouca gente sabe o que é. Como é coisas de mulheres é tratado com discriminação. Não é visto como algo que tem que ser conhecido. Dizem-se coisas tontas. É como a questão do marxismo. Há que ler os textos feministas e sobre o feminismo e não falarmos no domínio da ‘achologia’.” Em Portugal as pessoas não estudam, não lêem, não se informam, mas dão opiniões com base no ‘eu acho que...’”

ISABEL BARRENO



A manifestação que não o foi

Praticamente ignorado pela maioria das redacções no que se referia à sua actuação e agenda política, o MLM conquistou a atenção dos jornais pelas piores razões em 1975. Tinha convocado para o Alto do Parque Eduardo VII, em Lisboa, uma manifestação, a 13 de Janeiro, com o intuito de assinalar o início do Ano Internacional da Mulher. Aí, as organizadoras propunham-se atear uma fogueira onde queimariam objectos que representassem a opressão sobre a mulher: exemplares dos códigos Penal e Civil, revistas pornográficas, tachos, vassouras e panos do pó, fraldas, brinquedos sexistas. O simbolismo da manifestação ia ao ponto de as organizadoras se apresentarem vestidas de forma encenada, haveria uma *vamp*, uma noiva e uma dona de casa, que se despiriam de um biquíni, de uma flor de laranjeira e de uma avental e lançariam estas peças também às chamas da fogueira, como acto simbólico. Esta ideia, que se concretizaria a uma segunda-feira, foi noticiada no *Expresso* do sábado anterior numa pequena notícia escrita em tom jocoso e sob o título: “Strip-tease de contestação organizado pelo MLM”. Uma notícia que teve, segundo Maria Teresa Horta, um resultado perverso. No dia da manifestação, já no Alto do Parque, as mulheres presentes e a comunicação social viram aproximar-se um mar de homens determinados em acabar com a veleidade daquelas mulheres. O acontecimento é conhecido e por diversas vezes noticiado, mas não é demais registar o relato de Maria Teresa Horta: “Não eram cem homens, eram milhares de homens. A Milena [Madalena Barbosa] tinha uma carrinha. Nós íamos com as crianças, quando vimos os homens, a Milena disse: ‘Vamos metê-las na carrinha.’ Mas os homens começaram a abanar a carrinha. Tirámos de lá as crianças e fugimos para a casa da Milena, que era no Parque, quando fechámos a porta do prédio, vi a cara dos homens a esborrachar-se nos vidros. O meu filho, que tem 35 anos, diz que, ainda hoje, quando passa no Parque se arrepia. Eram homens de todos os partidos, na altura usava-se emblemas dos partidos nas lapelas, havia de todos.”

Uma demonstração de força machista que ainda hoje impressiona, mas que, segundo Maria Teresa Horta, foi olhada como normal e não questionada pela comunicação social. Apenas um repórter se demarcou da violência exercida sobre as activistas do MLM, afirma Maria Teresa Horta: “Só Adelino Gomes, na rádio fez uma crónica em que disse: ‘Hoje tive vergonha de ser homem.’” A forma como a manifestação foi acompanhada pela comunicação social, antes e depois de dia 13 de Janeiro de 1975, leva Maria Teresa Horta a reflectir sobre a noção da responsabilidade que deve existir no jornalismo: “O que leva a Helena Vaz da Silva a escrever aquilo na primeira página do *Expresso*? Ela, depois, pediu-me desculpa e disse-me que a notícia era dela e que fez aquele título por achar graça, mas nunca pensou que pudesse resultar no que resultou.”

TRÊS ROSTOS DO MLM

MARIA ISABEL BARRENO
A CEREBRAL



Escritora consagrada, autora de uma obra de peso, onde se salienta *A Morte da Mãe*, Maria Isabel Barreno transborda segurança e transpira tranquilidade. Aos 66 anos, continua a ser uma personalidade discreta, a medir as palavras, a gerir a sua exposição pública com pinças. Mas não se confunde nem se baralha no que é, para si, a causa de uma vida: a defesa dos direitos das mulheres. Intelectual de peso e de consistência, Maria Isabel Barreno foi um elemento fundamental, determinante, na fundação do MLM, quem o garante é Maria Teresa Horta, que, com ela e com Maria Velho da Costa, escreveu as *Novas Cartas Portuguesas*. De forma desprendida, Maria Isabel Barreno afirma ao PÚBLICO sobre si mesma e o seu papel na fundação do MLM e no feminismo em Portugal. “A Teresa tinha uma ligação ao feminismo mais emocional, não é que ela não lesse os livros das feministas, mas eu tinha chegado ao feminismo enquanto reflexão política alargada. Passei muitos anos em pesquisas para escrever a ‘A Morte da Mãe’, tive de ir ao fundo do tema, li e recolhi muitos dados sobre o papel da mulher, revisei a

história. Do ponto de vista do activismo, não sou muito empenhada, não digo isto com orgulho. Eu na tal manifestação do Parque Eduardo VII nem estive. Tinha ido aos Estados Unidos dar uma série de conferências, depois conheci um escritor americano, com quem vivi. Estive na fundação e estive na ocupação da casa que foi a nossa sede.”

MARIA TERESA HORTA
A EMOCIONAL

Maria Teresa Horta ainda hoje, aos 68 anos, se emociona, indigna e explode com a discriminação da mulher. Romancista e poeta, uma das co-autoras das *Novas Cartas Portuguesas*, Maria Teresa Horta tem uma visão do feminismo próxima dos movimentos libertários e continua empenhada como no primeiro dia na defesa dos direitos das mulheres. Pioneira no activismo feminista no pós-25 de Abril, é com alguma perplexidade, mas com uma força imensa, que se mostra disponível para “não dar o dito pelo não dito” e manter-se fiel aos princípios, que a fazem resistir a insultos em público, como recentemente aconteceu por parte de um escritor num



debate no Porto, com a mesma determinação com que superou situações como o facto de ter sido espancada, perto da rua onde morava no pós-25 de Abril, por três homens que a avisaram: “Isto é pelo que queres ensinar às nossas mulheres.”



MADALENA BARBOSA
A ACTIVISTA

Madalena Barbosa tem sido, ao longo de mais de trinta anos, a mais consequente activista feminista em Portugal. Presente na fundação do MLM, Madalena Barbosa integrou desde a fundação todas as organizações feministas com carácter nacional que existiram até hoje em Portugal. Licenciada em História e mestre em Ciências da Comunicação, Madalena Barbosa especializou-se em problemas relacionados com os direitos das mulheres. Integrou o Conselho Consultivo da Comissão da Condição Feminina logo em 1975, e, em 1986, entrou para funcionária da CCF, actual Comissão da Igualdade para os Direitos das Mulheres (CIDM), onde ainda hoje, aos 63 anos, é quadro superior. Dona de currículo internacional nesta área, é uma das principais especialistas em questões de igualdade de género em Portugal.

O movimento que nunca existiu mas agiu

O MLM é um movimento que hoje é praticamente ignorado e que nunca foi muito conhecido. Oficialmente, aliás, nunca existiu, isto é, nunca foi registado legalmente. Viveu do activismo de algumas mulheres e da sua capacidade de movimentação e de mobilização. “Nunca tivemos existência orgânica. A força e a fraqueza dos movimentos feministas é não terem existência orgânica”, diz Maria Teresa Horta.

Ainda que sem escritura passada em cartório, o MLM nasceu em Maio de 1974, na noite do dia em que terminou o julgamento das “Três Marias”, Maria Isabel Barreno, Maria Teresa Horta e Maria Velho da Costa, autoras do livro *Novas Cartas Portuguesas*. Conta Maria Teresa Horta: “Já tínhamos as duas, eu e a Isabel [Barreno], falado várias vezes da necessidade de fundar um movimento feminista. Naquela dia, ao ver todas aquelas mulheres no tribunal a apoiarem-nos, as feministas estrangeiras que vieram e as portuguesas, a Isabel virou-se para mim, depois da leitura da sentença, e disse: ‘Teresa, está na altura.’ Marcámos uma reunião para a casa dela nessa noite, com muitas das mulheres que estavam ali na Boa-Hora.”

A essa reunião seguiram-se várias outras, recorda ao PÚBLICO Madalena Barbosa: “Nos primeiros tempos, a casa de Isabel serviu de sede.” Depois ocuparam um andar na Rua Álvares Cabral e fizeram obras de recuperação. Mas funcionaram sempre sem grandes apoios, explica Madalena Barbosa: “Recebemos financiamento de uma organização

Organizaram manifestações, influenciaram a Constituição, defenderam a despenalização do aborto, mas nunca se registaram no cartório

feminista holandesa e da Fundação Ford, norte-americana. Soubemos que a Gulbenkian tinha financiado uma organização feminista inglesa e pedimos, mas só nos deram um subsídio, depois mais nada.”

Mesmo sem existirem formalmente, agiram e muito, e adquiriram um estatuto daquilo a que mais tarde se veio a chamar parceiro social. “Fomos ouvidas por acção do Zenha para a Concordata, o Código Civil, o direito de família”, relata Madalena Barbosa, enquanto Maria Teresa Horta frisa: “Fomos as primeiras a levantar a questão do aborto.” E Madalena Barbosa recorda que o primeiro comunicado que reivindicou a despenalização o fez por pressão do MLM, pois outras organizações,

como o MDM, achavam que não era conveniente. Será o MLM uma das principais organizações a integrar, em 1979, a CNAC – Campanha Nacional pelo Aborto e Contracepção, movimento que esteve na base da pressão social para que os partidos de esquerda parlamentar, nomeadamente o PCP e o PS, agissem para que a lei fosse por fim parcialmente mudada em 1984.

O combate à violência doméstica foi outra das causas em que o MLM foi pioneiro. “Quando recebíamos queixas, eu ligava para o Oteló e ele mandava o Copcon dizer aos homens que não podiam fazer aquilo, que tinha havido uma revolução e o país agora era uma democracia”, lembra, sorrindo, Maria Teresa

Horta. Será por acção das dirigentes do MLM que, anos depois, em 1987, será organizada em Portugal a primeira conferência sobre violência doméstica.

Mas a acção do MLM estendeu-se à organização de vários debates sobre a condição da mulheres – os encontros-assembleias de mulheres domésticas, por exemplo – e à actividade editorial. Em 1977, é formada a Cooperativa Editorial de Mulheres e o Centro de Informação/Documentação de Mulheres – IDM, cujo espólio foi agora doado ao futuro Centro de Documentação Feminista Elina Guimarães, para cuja fundação contribuirá o leilão de arte que hoje será feito na homenagem no antigo Mercado da Ribeira.

O primeiro livro editado foi *Aborto o Direito ao Nosso Corpo*, escrito por Maria Teresa Horta, Helena Mendonça e Célia Metrass. Recorda Madalena Barbosa: “Publicámos quatro livros, mas a distribuidora era a do Século e faliu. Primeiro, tínhamos tentado fazer um acordo com a Assírio e Alvim, mas eles queriam que nós traduzissemos as obras e eles só publicavam e não havia direitos. Não aceitámos. Editámos nós.”

A iniciativa menos política e mais preocupada com o convívio das mulheres foi também ela um êxito, conta Madalena Barbosa: “Abrimos um bar na Rua Filipe da Mata, que funcionava às sextas. Foi o que correu melhor. Era dirigido pela Teresa Almeida e pela Madalena Canha, esteve aberto até 1980.” ■



Memória de uma tarde à portuguesa antiga

ADELINO GOMES

O acontecimento constava de todas as agendas. Um comunicado do MLM – organização onde pontificavam figuras como Maria Teresa Horta, uma das “Três Marias” que o regime ditatorial pusera em tribunal – anunciava para aquela tarde a queima de objectos simbólicos da opressão da mulher em Portugal. Dias antes, uma notícia (não assinada, como era de uso ao tempo) no *Expresso* – já então um jornal de referência – aguçara o apetite mediático: ia-se assistir ao *strip-tease* de uma noiva, de uma dona de casa e de uma *vamp*, que deitariam a uma fogueira ateadas no Alto do Parque Eduardo VII a flor de laranjeira, o avental e o biquíni.

Fui encarregado de fazer a reportagem para os noticiários do Rádio Clube Português, então chamado “A Emissora da Liberdade”, por ter sido através das suas antenas que o Movimento dos Capitães emitiu os primeiros comunicados do golpe de Estado do dia 25 de Abril de 1974.

Dispúnhamos de vários rádios-móveis, com os quais, aliás, fazíamos a cobertura constante do processo em curso. Mas julgo não errar se disser que nenhum de nós encarou sequer a hipótese de fazer um directo da iniciativa. Que, julgávamos, atrairia umas centenas de pessoas, não mais.

Parti, por isso, apenas com um gravador. Alguns minutos antes da hora marcada, a pé, pois os estúdios situavam-se ali a dois passos. Deparei com uma enorme aglomeração de pessoas. Primeira surpresa, mas nada de preocupante, à partida, dado o estado de manifestação permanente em que Lisboa se encontrava naqueles meses. Também não me espantava o facto de serem, quase todas, do sexo masculino, jovens ou de meia-idade. Pertenciam a esse género e a essa faixa etária os frequentadores habituais dos desfiles e acções de rua posteriores ao 25 de Abril.

No local previsto, avistei a noiva, a dona de casa e a *vamp*. Meio desamparadas, já, entre as filas de homens que as rodeavam, empurrando-se, pisando-se uns aos outros. Como gostava de fazer, liguei o gravador para descrever o que ia vendo – a flor de laranjeira já à banda, no vestido branco; a dona de casa a arrastar a vassoura e o baldé; carantonhas de olhos esbulhados postadas diante da *vamp*. E frases no ar. Cada vez mais claras. Cada vez mais ordinárias. Cada vez mais alto. E a multidão, agora compacta, em movimentos de vai e vem, a noiva que corre, a segurar o véu, a *vamp* a ser apalpada, um delírio incontrolado de frases, de risos alarves, de gritos de gozo, de gestos bocais.

Não afaízo que assim tenha sido tudo por esta ordem, verbalizo farrapos de memória. Nem sequer garantiria que proferi depois ao microfone a frase que Teresa Horta amavelmente me atribui. De resto, não fui o único repórter chocado. Uma consulta rápida às colecções de jornais do tempo mostrar-nos-á em *O Século*, por exemplo, um texto de Mário Contumélias sobre a demonstração que aquele acontecimento fazia de que a mulher portuguesa sofreu duas ditaduras: a do fascismo e a dos homens.

Lembro-me de ter pensado (se não, mesmo, dito alto) que as organizadoras tinham sido, no mínimo, imprudentes, agindo de uma forma tão revolucionariamente vanguardista. Como se o dia 25 de Abril do ano anterior tivesse sido poção mágica para séculos de predomínio do macho lusitano. Que dali fez coutada, passeando-se à solta, naquela tarde à portuguesa antiga. E actual? ■